

□ MCXXVIII □



A REGRA DO TEMPLO

A Regra dos Cavaleiros Pobres do Templo
na Cidade Santa de Jerusalém

SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

EDIÇÃO

CAINÃ C. DE GODOY

REGULA PAUPERUM COMMILITONUM TEMPLI
IN SANCTA CIVITATE · MCXXVIII

SUMÁRIO

Folha de Rosto

Ficha Catalográfica

Sobre o Editor

Introdução

Prólogo

Artigos I–XVIII — Vida Espiritual e Cotidiana

Artigo I - Como os irmãos devem ouvir o ofício divino

Artigo II - Quantos padre-nossos devem rezar aqueles que não conseguem ouvir o ofício divino

Artigo III - Que rezem pelos irmãos defuntos

Artigo IV - Aos capelães será dado somente comida e vestiário

Artigo V - Quando morre algum dos cavaleiros que servem por tempo determinado

Artigo VI - Que nenhum dos religiosos perpétuos faça outra ofertas

Artigo VII - Sobre a excessiva permanência em pé no ofício divino

Artigo VIII - Da refeição comum

Artigo IX - Da leitura

Artigo X - Do comer carne

Artigo XI - O que devem observar os religiosos ao comer

Artigo XII - Que nos mais dias bastem dois ou três pratos de legumes

Artigo XIII - O que se deve guardar na comida de sexta-feira

Artigo XIV - Que deem graças depois de comer

Artigo XV - Que deem ao Esmoler de cada dez pães um

Artigo XVI - Que a colação esteja ao arbítrio do mestre

Artigo XVII - Que se guarde silêncio depois das completas

Artigo XVIII - Que se não levantem nas matinas os que se acharem cansados

Artigos XIX–XXXVI — Vestuário, Igualdade e Disciplina

Artigo XIX - Que no trato se guarde igualdade

Artigo XX - Do modo do vestiário

Artigo XXI - Que os criados não tragam vestiários brancos

Artigo XXII - Que só os religiosos perpétuos vistam de branco

Artigo XXIII - Que usem somente de peles de cordeiros

Artigo XXIV - Que os vestiários velhos se deem aos escudeiros

Artigo XXV - Ao que procurar o melhor vestiário se lhe dê o pior

Artigo XXVI - Que nos vestiários se observe a quantidade e qualidade

Artigo XXVII - Que na distribuição dos vestiários se guarde igualdade

Artigo XXVIII - Da superfluidade dos cabelos

Artigo XXIX - Das tranças e copetes

Artigo XXX - Do número dos cavalos e escudeiros

Artigo XXXI - Que nenhum castigue o escudeiro que o serve sem salário

Artigo XXXII - Como se hão de receber os que vierem a servir por tempo determinado

Artigo XXXIII - Que nenhum se governe pela vontade própria

Artigo XXXIV - Se se pode sair pelo lugar sem ordem do mestre

Artigo XXXV - Se podem ir sós

Artigo XXXVI - Que nenhum busque singularmente o que lhe for necessário

Artigos XXXVII–LIV — Equipamento, Controle e Caridade

Artigo XXXVII - Dos freios e esporas

Artigo XXXVIII - Que as lanças e escudos não tenham enfeites

Artigo XXXIX - Do poder do mestre

Artigo XL - Das cotas e malhas

Artigo XLI - Do abrir das cartas

Artigo XLII - De não falar de seus vícios passados

Artigo XLIII - Do receber e gastar

Artigo XLIV - Dos freios ou cabeçadas dos cavalos

Artigo XLV - Que nenhum troque ou peça coisa alguma

Artigo XLVI - Que nenhum vá à caça com falcões

Artigo XLVII - Que nenhum mate feras com arco ou besta

Artigo XLVIII - Que matem sempre o leão

Artigo XLIX - Que ouçam a sentença de qualquer queixa

Artigo L - Que esta regra se observe em tudo o mais

Artigo LI - Dos irmãos casados

Artigo LII - Que fora deste caso daqui em diante não hajam outras irmãs

Artigo LIII - Que os religiosos templários não tratem com excomungados

Artigo LIV - Como se hão de receber os soldados seculares

Artigos LV–LXXII – Inclusão, Pureza e Conclusão

Artigo LV - Que se não chamem todos os religiosos para as juntas secretas

Artigo LVI - Que rezem sem fazer ruído

Artigo LVII - Que se tome juramento aos que servem

Artigo LVIII - Que os moços durante a pouca idade se não recebam para religiosos

Artigo LIX - Que se tenha sempre respeito aos velhos

Artigo LX - Dos que andam por diversas províncias

Artigo LXI - Que o sustento se dê a todos com igualdade

Artigo LXII - Que os cavaleiros templários possuam dízimos

Artigo LXIII - Dos pecados mortais e veniais

Artigo LXIV - Por que delitos hão de ser despedidos

Artigo LXV - Que da Páscoa até Todos os Santos não se vistam senão uma camisa de linho

Artigo LXVI - Qual seja o necessário para as camas

Artigo LXVII - De evitar a murmuração

Artigo LXVIII - Que se fujam aos abraços e ósculos de qualquer mulher

Artigo LXIX - Que não sejam padrinhos de batismo

Artigo LXX - Que os irmãos possuam terras

Artigo LXXI - Que se cuide muito dos achacados

Artigo LXXII - Que fujam aos abraços e beijos de qualquer mulher

Conclusão do Editor

SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

A Regra do Templo

A Regra dos Cavaleiros Pobres do Templo
na Cidade Santa de Jerusalém

Edição

Cainã C. de Godoy

Baseado na edição francesa de Henri de Curzon

La Règle du Temple · Paris, 1886

[Brasil] · 2026

FICHA CATALOGRÁFICA

CLARAVAL, São Bernardo de, 1090–1153.

A regra do templo : a regra dos cavaleiros pobres do templo na cidade santa de Jerusalém / São Bernardo de

Claraval ; edição de Cainã C. de Godoy ; baseado na edição francesa de Henri de Curzon (1886).

-- [S.l.] : [s.n.], 2026.

Livro eletrônico (EPUB).

1. Ordens religiosas – Regulamentos. 2. Templários

–

História. 3. Cavaleiros Templários – Regras e estatutos.

4. Cristianismo medieval. 5. Espiritualidade cristã.

I. Godoy, Cainã C., editor. II. Curzon, Henri de, 1837–1929. III. Título.

CDD: 255.7 CDU: 271.094

Referência conforme NBR 6023 e NBR 12899 (ABNT)

SOBRE O EDITOR

Cainã C. de Godoy

Cainã C. de Godoy é editor e pesquisador dedicado a tornar acessível ao público geral sabedorias que costumam ficar confinadas ao círculo acadêmico. Seu trabalho transita entre a investigação filosófica rigorosa e o compromisso de que conhecimentos importantes não devem envelhecer trancados em linguagem inacessível.

Formação e percurso

Brasileiro descendente de italianos, espanhóis e portugueses, Cainã tem na Filosofia uma de suas formações acadêmicas centrais — e foi ela que abriu as portas para um interesse profundo por vertentes como o cristianismo primitivo, o estoicismo, as

ordens iniciáticas e monásticas, a filosofia e a cultura medievais, a história das ideias e a ética das virtudes.

Cainã também é devoto de uma carreira que conta quase metade de sua vida associada à educação e à tecnologia — o que considera ser a união de dois grandes universos distintos mas que se entrelaçam: o primeiro voltado à formação humana, o segundo às ferramentas que ampliam o alcance dessa formação.

Interesses principais

Seu trabalho se concentra em:

- **Ordens monásticos e iniciáticas** — suas estruturas, filosofias e práticas
- **Filosofia medieval e cristã** — especialmente a influência de São Bernardo de Claraval

- **Estoicismo e ética das virtudes** — como tradições antigas iluminam questões contemporâneas
- **Cristianismo primitivo e sua evolução** — como crenças originárias se transformaram em instituições
- **Educação e transmissão de conhecimento** — como ideias importantes sobrevivem e chegam a novas gerações

Seu fascínio particular com a Ordem do Templo nasceu da percepção de que esses homens — monges e guerreiros simultaneamente — encaravam questões de propósito, comunidade, sacrifício e obediência de maneiras que ainda falam a pessoas hoje, mesmo que em contexto completamente diferente.

Sobre esta obra

A presente edição da *Regra dos Cavaleiros Templários* surge de um convencimento pessoal: documentos históricos não devem estar prisioneiros de linguagem arcaica. Uma regra escrita há quase 900 anos contém sabedoria que transcende seu tempo — mas essa sabedoria só alcança as pessoas se conseguirmos traduzi-la, literalmente e figurativamente, para um idioma que fale ao leitor moderno.

Este trabalho é resultado de pesquisa sobre a edição francesa de Henri de Curzon (1886), tradução cuidadosa para o português brasileiro contemporâneo, e uma introdução contextual que busca fascinar tanto o leitor interessado em história quanto aquele que procura filosofia de vida prática.

Cainã acredita que os Templários não foram apenas figuras históricas curiosas. Foram homens que experimentaram, em sua radicalidade, perguntas que todos fazemos: Como viver com propósito?

Como equilibrar disciplina e compaixão? Como servir a algo maior que si mesmo? Como honrar compromissos mesmo quando ficam pesados?

A Regra que segue oferece respostas — nem todas confortáveis, nem todas aplicáveis literalmente aos dias de hoje, mas todas dignas de serem ouvidas.

Cainã C. de Godoy é pesquisador e editor independente baseado no Brasil, dedicado a tornar acessível a sabedoria contida em textos históricos e filosóficos frequentemente ignorados pelas leituras superficiais da história.

Para contato e dúvidas sobre esta edição:

contato@cainagodoy.com.br

INTRODUÇÃO DO EDITOR

Por que este livro?

Se você já estudou história medieval, provavelmente aprendeu sobre os Cavaleiros Templários em algumas linhas no livro didático: foram guerreiros monásticos, tinham uma cruz vermelha, acumularam riquezas, foram perseguidos e desapareceram. Pronto. História encerrada.

Mas a realidade é muito mais rica.

Os Templários não eram apenas guerreiros brutais ou acumuladores de ouro. Eram homens que renunciavam a tudo — família, propriedade, liberdade pessoal — para viver segundo uma regra elaboradíssima que chegava a regular quantos padre-nossos rezar, como distribuir pão aos pobres,

em que horários dormir. Eram simultaneamente monges, soldados e administradores de um império econômico. Essa combinação única não aparece nos resumos dos livros.

A Regra dos Cavaleiros Templários, escrita originalmente em 1128 por São Bernardo de Claraval, é o documento que fundou tudo isso. Não é um manual de combate. É uma Regra monástica — mais próxima da Regra de São Bento do que de um tratado militar. E nela está condensado um mundo inteiro: ideais de pobreza, sacrifício, obediência e propósito que moldaram uma instituição que durou quase 200 anos.

Esse mundo desapareceu há séculos. Mas a sabedoria contida nesta Regra? Essa persiste.

São Bernardo de Claraval — o verdadeiro autor desta obra

Para compreender a Regra que você está prestes a ler, é preciso conhecer o homem que a escreveu.

São Bernardo de Claraval nasceu em 1090 na Borgonha, França, em uma família nobre. Aos 22 anos ingressou na Abadia de Cîteaux, fundadora da Ordem Cisterciense — e levou consigo, segundo os relatos da época, trinta parentes e amigos. Em 1115, fundou a Abadia de Claraval, que se tornaria um dos centros espirituais mais influentes da Europa medieval.

Bernardo foi muito mais do que um monge. Foi o intelectual religioso mais poderoso do século XII: influenciou papas, mediou cismas, pregou a Segunda Cruzada, combateu heresias com a pena e com a palavra, e formou mais de 160 mosteiros por toda a Europa. Quando morreu, em 1153, a Igreja era diferente — em boa parte por causa dele.

Mas o que o tornava singular não era apenas o poder. Era a profundidade. Bernardo escreveu

sobre o amor a Deus com uma intimidade quase desconcertante. Para ele, a vida monástica não era fuga do mundo — era uma forma de amor radical, exigente, concreto. Daí a Regra que você vai ler: não há nela romantismo ou vaguidade. Há clareza, estrutura, exigência. E por baixo de cada norma, uma teologia do serviço.

Bernardo foi canonizado em 1174 e proclamado Doutor da Igreja em 1830. Mas seu maior título talvez seja este, inscrito na própria história: o homem que deu forma e espírito à Ordem do Templo, e que via em cavaleiros armados a possibilidade de uma vida santa.

Sobre esta edição

A fonte original

Este livro se fundamenta na edição francesa de **Henri de Curzon** (*La Règle du Temple*, Paris, 1886), uma das mais respeitadas traduções da Regra primitiva do latim medieval para o francês.

O texto original foi escrito em **latim vulgar do século XII** no Concílio de Troyes (1128), sob direção de São Bernardo de Claraval. Passou por várias versões em francês antigo, depois em francês moderno. Curzon, historiador e medievalista, produziu em 1886 uma edição crítica que ainda hoje é referência nos estudos sobre a Ordem do Templo.

Essa edição está em **domínio público** — assim como toda a sabedoria que contém.

O trabalho deste editor

Meu papel neste livro é o de **editor, tradutor e adaptador**. Não sou criador do conteúdo — sou guardião de um texto antigo, trazendo-o até você.

O que fiz foi:

1. **Estudar a versão francesa** de Curzon com cuidado
2. **Traduzir para o português brasileiro contemporâneo** — sem remover ou resumir nada, apenas tornando a linguagem acessível ao leitor de hoje
3. **Estruturar para leitura moderna** — com títulos, seções, formatação que facilita a compreensão
4. **Documentar as fontes** — deixando clara a cadeia de transmissão do conhecimento

Nenhuma palavra foi suprimida. Nenhuma ideia foi distorcida. Apenas a roupagem linguística foi atualizada.

Se você quer saber exatamente o que o texto diz em francês antigo, pode consultar a edição de Curzon.

Se quer entender o significado profundo para sua vida hoje, está no lugar certo.

O que você vai encontrar

Esta Regra tem 72 artigos. Ela não fala de tática militar. Fala de:

- **Como viver em comunidade** sem vaidade, sem destaque pessoal
- **Como lidar com dinheiro** quando você renunciou a possuir algo
- **Como tratar os doentes e fracos** com dignidade
- **Como manter o silêncio** sem reprimir a comunicação necessária
- **Como equilibrar disciplina e compaixão** (o mestre deve castigar, mas não pode desesperar o delinquente)

- **Como honrar os compromissos** mesmo quando ficam pesados

Há momentos que parecem triviais hoje — quantas vezes comer carne por semana, como cortar o cabelo. Há momentos que parecem absolutamente modernos — como a insistência na igualdade, em não fazer exceção de pessoas, em cuidar especialmente dos fracos.

Uma nota importante: contexto e sabedoria

Esta é uma obra de 896 anos. Alguns de seus ideais são *da época*.

A ênfase obsessiva em castidade, por exemplo. A aceitação da obediência cega. A guerra santa contra o "inimigo infiel". A exclusão de mulheres. Esses elementos refletem a mentalidade medieval — e não

podem ser transportados intactos para os dias de hoje.

Mas não jogue fora o bebê com a água do banho.

Por trás dessas especificidades históricas, há princípios que valem a qualquer tempo:

- **Simplicidade no viver** (quantas coisas você realmente precisa?)
- **Igualdade no tratamento** (nenhum deve ter privilégios só porque é rico ou nasceu bem)
- **Honra nos compromissos** (quando você promete algo, cumpre)
- **Serviço aos fracos** (nunca esquecer quem não tem voz)
- **Vida comunitária** (ninguém vive sozinho — fazemos todos parte de algo maior)

- **Equilíbrio entre autoridade e compaixão**
(liderança não é ditadura)

A sabedoria é transportável. Os detalhes são contexto.

Como ler este livro

Você pode ler de três maneiras:

1. Como história: Mergulhe no mundo medieval, entenda como viviam esses homens extraordinários, conheça uma instituição que moldou a Europa.

2. Como filosofia de vida: Leia os artigos e se pergunte: "E se eu vivesse assim? Que mudaria em mim?" Alguns não farão sentido. Outros podem surpreender.

3. Como contraste: Compare o mundo do século XII com o seu. Como você vive? Trabalha? Gasta?

Relaciona-se? O que mudou? O que piorou? O que melhorou?

A Regra funciona em todos esses níveis.

As fontes

Se você quiser aprofundar:

- **Henri de Curzon**, *La Règle du Temple*. Paris: Édouard Léopold, 1886. [Disponível em domínio público]
- **Vitor Manuel Adrião**, *Regra de Vida dos Cavaleiros da Ordem do Templo*. Lusophia, 2019. [Edição portuguesa que também consultei]
- **Malcolm Barber**, *The New Knighthood: A History of the Order of the Temple*. Cambridge University Press, 1994. [Para contexto histórico]

O presente volume não substitui essas fontes. É um ponto de entrada — uma porta aberta para que você descubra um mundo que estava ali o tempo todo, mas escondido atrás de linguagem arcaica.

Uma última coisa

Os Templários desapareceram em 1312, dissolvidos pelo Papa Clemente V sob pressão do Rei Felipe IV da França. Seus bens foram confiscados. Seus últimos mestres foram queimados na fogueira.

Mas sua Regra? Sua Regra sobreviveu. Atravessou séculos. Chegou até você.

Há algo de sagrado nisso — não no sentido religioso necessariamente, mas no sentido de que algumas palavras, algumas ideias, recusam-se a morrer. Continuam falando através do tempo.

Essa é a Regra que você está prestes a ler.

Que ela faça sentido para você.

Cainã C. de Godoy

Edição

30 de abril de 2026

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

A Regra que você vai ler — e a que ficou de fora

A Regra dos Cavaleiros Templários não é um documento simples. Ela é, na verdade, um organismo vivo que cresceu ao longo de quase dois séculos — e entender isso muda completamente a forma como você vai lê-la.

Tudo começou em 1128, no **Concílio de Troyes**, quando Hugues de Payns apresentou ao clero da Europa a nova ordem de cavaleiros monásticos que havia fundado em Jerusalém. Sob a influência direta de São Bernardo de Claraval — o intelectual religioso mais poderoso do século XII —, o Concílio aprovou uma regra escrita em latim, composta de **72 capítulos**. Era a chamada *Regula Pauperum*

Commilitonum Templi: a Regra Primitiva. Direta, espiritual, exigente. Um documento fundador.

Essa Regra Primitiva — esses 72 artigos — é o que você tem em mãos.

O que veio depois

A Ordem do Templo durou quase 200 anos. Nesse tempo, cresceu de um pequeno grupo de cavaleiros em Jerusalém para uma instituição com ramificações em toda a Europa — com propriedades, exércitos, redes financeiras e uma hierarquia complexa.

Naturalmente, 72 artigos não eram suficientes para reger tudo isso. Ao longo dos séculos XII e XIII, a Regra foi sendo expandida em camadas sucessivas, em francês antigo, pelos próprios membros da Ordem:

- **Estatutos Hierárquicos** — regras sobre a cadeia de comando, os dignitários, o Grão-Mestre, suas prerrogativas e deveres.
- **Vida Conventual e Militar expandida** — detalhamentos sobre marchas, acampamentos, disciplina em guerra, gestão dos cavalos e equipamentos.
- **Código Penal e Penitências** — punições minuciosamente catalogadas para cada tipo de infração, com exemplos históricos concretos.
- **Rituais e Cerimônias** — o protocolo da eleição do Grão-Mestre, as fórmulas de recepção de novos membros, os ritos litúrgicos da Ordem.

Quando Henri de Curzon publicou em Paris, em 1886, sua edição crítica — *La Règle du Temple* —, ele reuniu todo esse corpus documental. O resultado foi um texto em francês antigo com **686 artigos**, distribuídos em quatro grandes blocos redacionais, cobrindo desde a fundação em 1128 até o início do

século XIV. Esse documento, conservado em três manuscritos medievais — em Roma, Paris e Dijon —, é a mais completa referência acadêmica sobre a regulamentação interna da Ordem do Templo.

A escolha desta edição

Esta edição faz uma escolha deliberada e consciente: apresentar **os 72 artigos da Regra Primitiva** — a camada mais antiga, mais pura e mais diretamente ligada à visão fundadora de São Bernardo de Claraval.

Para isso, o conteúdo textual de cada artigo foi estudado a partir da versão francesa documentada por Curzon em 1886, valendo-se da riqueza vocabular e dos detalhes que a tradição francesa preservou. A estrutura de 72 capítulos numerados, porém, segue a arquitetura da **Regra Latina original**, que isola o Prólogo histórico como

prefácio e inicia a contagem apenas nos preceitos práticos da vida monástica e militar.

O que fica de fora — os estatutos hierárquicos, as penitências, os rituais, os detalhamentos militares — não foi suprimido por descuido ou limitação. Foi uma decisão editorial: esses acréscimos refletem a Ordem que a instituição se tornou; os 72 artigos refletem a Ordem que São Bernardo quis fundar. São documentos complementares — mas com naturezas distintas.

Um leitor que deseje conhecer o corpus completo da regulamentação templária encontrará na edição de Curzon (*La Règle du Temple*, Paris, 1886, disponível em domínio público) o texto integral em francês antigo acompanhado do latim original em notas de rodapé.

O presente volume é outra coisa: é um convite à fonte.

– Cainã C. de Godoy, Editor

Regra dos Cavaleiros Templários

PRÓLOGO

Este é o prólogo da Regra dos Cavaleiros Pobres de Jesus Cristo e do Templo de Salomão.

Falamos antes de tudo para todos aqueles que têm a generosidade de renunciar à sua própria vontade e que desejam servir com pura intenção na milícia do verdadeiro e soberano Rei. Queremos encorajá-los no desejo que demonstram em se revestirem da bela armadura da obediência, para que a observem com grande atenção e a cumpram até o final com perseverança.

Vocês que até agora serviram não a Jesus Cristo, mas por causa de seus interesses pessoais na milícia secular: nós vos exortamos com toda a humanidade possível a se unirem rapidamente àqueles que o Senhor escolheu da massa da perdição e que reuniu por sua graça, para a defesa da Santa Igreja.

Assim, sejam quem forem, cavaleiros de Jesus Cristo que escolheram esta santa companhia, devem demonstrar um zelo puro e uma perseverança sem negligência na sua profissão. Deus a distinguiu com sinais tão nobres, tão santos e tão elevados que se for observada pura e firmemente, vocês merecerão obter a mesma felicidade dos cavaleiros que deram suas vidas por Jesus Cristo.

Esta profissão fez reflorir e reviver a ordem militar entre aqueles que, sem nenhum respeito pela justiça, não procuravam defender os pobres e as igrejas, como era seu dever, mas cometiam violências, saques e mortes.

É portanto uma grande honra para nós que Nosso Senhor tenha trazido da Santa Cidade para os confins da França e Borgonha seus amigos, que para nossa salvação e para a propagação da verdadeira fé, não cessam de oferecer a Deus suas almas como vítimas agradáveis aos seus olhos.

Por isso nós, no ano da Encarnação do Filho de Deus de 1128, o nono da fundação desta cavalaria, na festa de Santo Hilário, pela inspiração do Espírito Santo e sob a conduta de Deus, tendo vindo de diversos lugares da Província Ultramontana, com afabilidade e piedade fraterna, pelas súplicas do Mestre Hugo, que deu início à dita milícia, e estando nós reunidos em Troyes, onde tivemos a graça de ouvir da boca do referido Mestre Hugo, a Regra e observância da Ordem da Cavalaria, capítulo por capítulo: aprovamos o que nos pareceu ser bom, conforme nosso limitado entendimento.

Mas porque havia coisas que nos pareciam inadequadas e que não poderiam ser apresentadas nesta assembleia sem muita consideração, as remetemos ao exame e discernimento do nosso muito venerável padre Honório, e também às luzes seguras do muito ilustre Estêvão, Patriarca de Jerusalém, que possui pleno conhecimento da religião Oriental e dos pobres cavaleiros de Jesus Cristo. Depois que o recebemos por consentimento unânime desta assembleia, todos esses artigos devem ser considerados como santos, tendo sido aprovados e estimados como tal por um grande número de padres religiosos que a Divina Providência aqui reuniu.

É disso que me sinto obrigado a dar testemunho: eu, João de São Miguel, que tive a honra de ser escolhido pelos padres aqui presentes para secretário, a fim de colocar por escrito o que me fosse ordenado pelo Concílio e pelo Venerável

Abade de Claraval, a quem foi cometido o cuidado
de redigir os presentes estatutos.

A REGRA DOS CAVALEIROS



A Regra continua.

Você acabou de ler o Prólogo — a carta de intenções de São Bernardo de Claraval aos cavaleiros que renunciaram ao mundo.

O que vem a seguir são os **72 artigos** da Regra Primitiva: como viver, como comer, como dormir, como obedecer, como combater — e como morrer com honra.

Cada artigo vem acompanhado de um comentário que traduz a sabedoria medieval para a vida contemporânea, sem romantismos e sem omissões.

Para continuar a leitura:

<https://go.hotmart.com/I105778993J>

Edição completa — R\$ 39,90

72 artigos · Comentários expandidos · Versão em português brasileiro contemporâneo · Baseado na edição crítica de Henri de Curzon (Paris, 1886)

